



“Nossos carros tinham apenas conta-giros, marcadores de temperatura de água e pressão do óleo, além de um item essencial num carro de corrida: alavanca de câmbio”

ANOS DOURADOS

CRÔNICA DO TEMPO EM QUE A TÉCNICA SUPERAVA A TECNOLOGIA

Acho que fui um privilegiado. Vivi os anos dourados, uma época em que tudo era mais romântico. Se a minha geração não é brilhante na operação de equipamentos, sabe pelo menos fazer contas de cabeça.

No automobilismo dos anos 60, o talento de pilotar estava voltado para os carros que escorregavam deliciosamente. Havia até um termo chique – “power-slide” – para designar a derrapagem controlada em alta velocidade, privilégio dos mais arrojados e habilidosos. Nossos carros tinham apenas conta-giros, marcador de temperatura de água e outro de pressão de óleo, além de uma coisa que nunca poderia deixar de existir num carro de corrida: a alavanca de câmbio. Cada curva era um desafio. Tínhamos que frear com a ponta do pé e, com o calcanhar, dar o tempo no acelerador para ajudar o câmbio, o que se chamava de “punta-tacco”. Tudo isso no meio de uma curva, segurando o volante com uma mão enquanto a outra trocava a marcha. Cada piloto tinha seu estilo.

Com os atuais pneus superdimensionados, essa manobra é impraticável. Os carros parecem andar sobre trilhos e qualquer escorregadinha é um erro. O ponto de freada é estabelecido pelo equipamento e todos os pilotos freiam no mesmo lugar. Que saudade do tempo em que a gente ousava para ganhar alguns segundos. Durante a competição, você estava sozinho com seu carro, não havia cordão umbilical com o boxe via rádio, telemetria, monitoramento... E nem piloto automático para largar e entrar no pit lane. Nossos volantes eram limpos, não como os de hoje, que mais parecem um teclado de computador. Os carros e os circuitos eram muito mais desafiadores e o envolvimento da capacitação individual era muito maior, exigência fun-

damental de qualquer esporte. Hoje vejo com tristeza as categorias principais, em especial a F-1, que reduziram a participação dos pilotos a raros momentos em que podem se aproveitar de um erro do rival, situação que possibilita as escassas ultrapassagens nos poucos pontos onde elas são possíveis.

O que salva é a frequência com que a bandeira azul intima os retardatários a darem passagem. O Chico Landi, antes de morrer, repetia: “Se o automobilismo continuar assim, vai virar autorama”. E não é que estamos chegando lá? No último GP de San Marino assistimos ao Schumacher tirar a diferença de 35 segundos em 15 voltas e perder a corrida para o Fernando Alonso, pois a ultrapassagem era impossível, apesar de ele estar muito mais rápido. Pode?

Os pilotos brasileiros são os mais audazes, criativos e habilidosos. E é em defesa de todos que levanto esta bandeira: que o esporte e a capacidade humana sejam preservados. E que para isso haja uma conciliação mais inteligente e adequada entre a indispensável evolução tecnológica, a segurança dos pilotos e a presença dos interesses econômicos. Nas atuais circunstâncias, será muito mais difícil repetirmos as eras Emerson, Piquet e Senna, na Fórmula 1.

Atualmente, o aumento do número de candidatos a piloto faz com que a concorrência seja muito maior. Acredito que o Brasil seja a maior academia de pilotos do mundo e espero que a memória contribua para a defesa dos pilotos competentes. Sei que é impossível se devolver o espaço que havia nos anos dourados. Mas torço para que os resultados esportivos revelem a competência e não o show de tecnologia patrocinado por interesses econômicos que determinam resultados repetitivos, deformados e artificiais.